

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL ESCOLA DE
EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

GABRIELA MENDES FONTANA

**Mulher, mãe, treinadora: atravessamentos de uma experiência com o
futebol.**

PORTO ALEGRE

2024

Gabriela Mendes Fontana

Mulher, mãe, treinadora: atravessamentos de uma experiência com o futebol.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação Física
da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, como requisito para obtenção do grau
de Bacharela em Educação Física

Orientador: Prof. Dr. Guy Ginciene

Porto Alegre

2024

MULHER, MÃE, TREINADORA: ATRAVESSAMENTOS DE UMA
EXPERIÊNCIA COM O FUTEBOL.

Conceito final:

Aprovado em dede 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Raquel da Silveira

DEDICO ESSE TRABALHO

Que esse relato de experiência possa servir de apoio a mulheres que como eu, de alguma forma, ousaram tentar algo diferente do que esperado no seu script social. Que a minha filha e outras meninas e meninos possam perceber o valor dos sonhos e a possibilidade de realização desses sonhos.

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento faço aos meus alunos, em especial, às alunas, que demonstram confiança no trabalho que proponho e me oportunizam colocar em prática os ensinamentos que já vivi e que venho estudando ao longo da vida. Ainda temos um bom trajeto de luta pela frente, gurias, seguimos na busca pela equidade!

Agradeço ao professor Guy Ginciene que de forma gentil aceitou o convite para orientar esse trabalho e durante todo o tempo teve a paciência de aguardar minhas respostas porque é incrível como o tempo de quem cuida de uma criança assume uma característica própria. Tua sensibilidade e tua competência são fonte de inspiração, Professor, minha imensa gratidão!

Agradeço a minha mãe porque hoje vejo que em muitos momentos da minha criação foi uma mulher que enxergou além do seu tempo e, talvez, sem querer me deu corda para tentar coisas que outras meninas se quer puderam experimentar.

Agradeço ao Roger, companheiro de vida, que fez frente às demandas necessárias na minha ausência e, como em outros momentos, ouviu minhas angústias e gentilmente revisou meus escritos. Foi importante ouvir teu elogio!

Agradeço a todas as mulheres que de alguma forma foram inspiração e apoio para que eu pudesse chegar aqui hoje. Com a maternidade pude perceber que existe uma rede, muitas vezes invisibilizada, de mulheres que, de um jeito ou outro, viabilizam a vida de quem tem filhas e filhos.

Por último e tão importante quanto, à Eloísa que fez meu universo dar um giro e com isso, a oportunidade de perceber o mundo de um jeito totalmente diferente. Te amo, filha!

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso trata de um relato de experiência como treinadora de um time de futebol de meninas. Essa experiência aconteceu junto a um projeto social informal chamado de Escolinha que já atuava com o futebol de meninos e jovens há 15 anos. Com a minha chegada à equipe começamos a organizar o time das meninas e a trabalhar para a consolidação desse time. Contudo, ao longo do caminho situações marcantes aconteceram, como a minha gravidez, alguns desafios como a dificuldade em ter meninas em número suficiente para a manutenção do time e os preconceitos enfrentados por treinarmos praticamente em meio aos meninos. Assim, me vi atravessada por questionamentos relacionados a ser uma treinadora mulher e mãe.

Palavras-chave: experiência, treinadora, maternidade, futebol.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVO.....	9
3. REFERENCIAL TEÓRICO	9
4. CAMINHOS METODOLÓGICOS	13
5. RESULTADOS	14
5.1 A EXPERIÊNCIA	14
5.2 ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS	16
5.2.1 Relações entre teoria e prática	16
5.2.2. O futebol como carreira esportiva já é um objetivo delas?	22
5.2.3. Desafios de ser treinadora e mãe	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Esse relato de experiência é o trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em Educação Física. Ele se origina de uma atividade voluntária exercida recentemente junto a uma escolinha de futebol onde atuava como preparadora física de um time de meninos e treinadora do time das meninas. Esse trabalho me oportunizou entender um pouco mais sobre a realidade das categorias de base desse time e de alguns outros times que enfrentamos em competições ao longo do período.

Minha atividade laboral é vinculada ao magistério, já sou licenciada em Educação Física e atuo como professora em uma escola pública municipal; entre outros envolvimento cotidiano sou mulher, jogadora amadora de futsal “desde sempre”, mãe de uma menina de pouco mais de um ano, esposa e observadora da vida.

O tema mulheres e futebol me chama atenção desde o ano de 2016 quando participei de um encontro de mulheres, desses que acontecem com frequência no mês de março. Lá foram apresentados e discutidos muitos dados sobre a desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho, especialmente em posições de liderança, e naquele mesmo ano comecei a trabalhar na área da educação. Chegar na quadra da escola e perceber, com estranhamento, que muitos dos desafios que eu vivi para jogar futebol ainda aconteciam foi um estopim para me interessar e pesquisar mais sobre o assunto.

Da experiência como jogadora, parti para a vivência como professora e depois de um tempo comecei a ter interesse pela atuação como treinadora. Foi da ideia de me tornar treinadora que surgiram alguns questionamentos que me fizeram chegar a esse trabalho voluntário. Especialmente após o contato com leituras sobre o tema como o texto de Santos *et al.* (2023) que fala sobre as diferenças na trajetória de mulheres e homens durante o percurso formativo de treinadoras(es). Assim percebi que teria um árduo caminho pela frente.

Em meio a essa trajetória, em 2022 engravidei. A Eloísa nasceu em dezembro do mesmo ano e a vida tomou outros rumos. Muito tinha lido sobre como a maternidade afeta a vida das mulheres, mas viver isso além de confirmar aquelas informações que tinha lido me fez perceber que a dinâmica do cotidiano no país que vivemos pode ser doloroso e cruel.

Em entrevista recente, a atleta Tamires, jogadora de futebol da seleção brasileira, falou da sua experiência quando ficou grávida aos 21 anos de idade, momento em que estava iniciando sua carreira esportiva:

entendo que a maternidade é algo muito difícil. Como mãe a gente se culpa o tempo todo, mesmo não tendo culpa de nada. Quando voltei o mais difícil foi a distância do Bernardo [filho]. Chegava em casa e ele estava dormindo. Foi difícil não participar diretamente de alguns processos, mas estava convicta em ser uma jogadora profissional de futebol. (TAMIRES, 2024).

A reflexão que fiz é que se com a desigualdade de gênero é difícil ter uma carreira esportiva em razão das questões sociais e culturais envolvidas, parece que ser uma treinadora-mãe traz desafios adicionais. O que, de fato, pude perceber e contarei um pouco na sequência do texto.

Quero registrar um outro evento muito marcante que aconteceu em meio a tecitura desse trabalho: as enchentes de maio no Rio Grande do Sul¹. Particularmente não fomos atingidos diretamente pelas águas, mas vivenciar tudo que aconteceu, afetando tanta gente e muitas pessoas próximas (inclusive a maioria das pessoas envolvidas com a Escolinha), foi um momento de profunda tristeza e reflexão sobre solidariedade, finitude, senso de emergência e nossa relação com a natureza (e atitudes frente a isso).

2 OBJETIVO

Relatar e analisar uma experiência como treinadora voluntária de um time de futebol de meninas, dentro de um projeto social de uma cidade do Rio Grande do Sul.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Algumas pessoas como Silva *et al.* (2021) comentaram que a exigência da igualdade de gênero pela FIFA, bem como o movimento ativo e organizado de

¹ Fonte: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/um-mes-de-enchentes-no-rs-veja-cronologia-do-desastre.ghtml>

mulheres militantes da causa do futebol feminino, proporcionou significativos avanços para a valorização e expansão do futebol das mulheres no Brasil.

Outras pessoas como Nicolino e Oliveira (2020) dizem que a visibilidade que as copas do mundo de futebol de mulheres têm alcançado, culminando com a Copa da França em 2019, pode ter sido o propulsor para o crescimento do futebol de mulheres no Brasil. Mas há quem pense que as duas situações culminaram para o crescimento e difusão do futebol entre meninas, mulheres e todas as pessoas interessadas por futebol (SILVA, 2020).

E há também quem entenda que “há muito tempo as mulheres protagonizam histórias no futebol brasileiro ainda que tenham pouca visibilidade, seja na mídia, no cotidiano dos clubes e associações esportivas, na educação física escolar ou nas políticas públicas de lazer” (GOELLNER, 2005, p.143).

O fato é que parece ser crescente a procura das meninas e mulheres pela participação no futebol², bem como o interesse de mais pessoas em assistir e acompanhar a modalidade. Assim, nota-se a importância do ensino do esporte a partir do ponto de vista feminista (SILVA, MARTINS; 2023) e as experiências que tratam do desenvolvimento de uma Educação Física sustentada por uma proposta pedagógica decolonial e intercultural (RICARDO, WITTIZORECK, SILVEIRA; 2023).

Por mais que o tema futebol e mulheres esteja em questão há bastante tempo no Brasil (ROMERO, 1995; SOUZA JUNIOR, 2002; SIMOES, KNIJNIK, 2004; GOELLNER, 2005; ROMERO, PEREIRA, 2008; DAOLIO, 2014; ALTMANN, 2015) parece que sempre precisamos voltar ao assunto.

Recentemente Silva e Martins (2023) trouxeram à pauta não só o tema do ensino dos esportes para as meninas, mas o ensino a partir do ponto de vista feminista. Para elas uma das razões dessa necessidade é o fato de termos vivido anos de interdição da prática do futebol e de outras modalidades (BRASIL, 1941), o que pode ter produzido distúrbios que perduram até os dias de hoje diminuindo a oportunidade de participação das mulheres nos esportes (SILVA, MARTINS, 2023, p. 2).

A hipótese pode se confirmar quando olhamos para alguns resultados da pesquisa do IBGE (2017), onde 94,5% das entrevistadas declararam que o futebol (e variações) não era sua prática esportiva principal.

² Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cn0j68rkyr1o>

Não se pretende afirmar que todas as meninas tenham que jogar futebol, mas sim que é preciso desnaturalizar o afastamento das meninas de práticas corporais como o futebol (JACÓ, 2012).

Para tanto, Silva e Martins (2023) trazem um elemento interessante para o debate: “nas pesquisas voltadas à ciência dos esportes, são nítidas as distorções que permanecem vivas por consequência do apagamento das mulheres em modalidades esportivas” (SILVA; MARTINS, 2023, p. 3). Esse apagamento dá conta do engessamento do discurso que coloca mulheres como “frágeis” e com desempenhos inferiores, “reafirmando o imaginário de que as mulheres devem se manter no esporte sob um dado espectro de inferioridade em relação aos homens” (SILVA; MARTINS, 2023, p. 3).

Sobre isso, ainda, e tentando proximidade com o que foi trazido no início do texto sobre os recomeços do futebol de mulheres, Silva e Martins (2023) destacam que o elemento cultural envolvido, de certa forma, tenta classificar os corpos e naturalizar diferenças e é nesse sentido que necessitamos tecer questionamentos buscando outros elementos de suporte como os do campo da ciência do esporte, como o entendimento da complexidade envolvida na prática esportiva (GALATTI *et al.*, 2014).

A partir dessa visão do esporte, considerando também o paradigma sistêmico-complexo, foi sendo realizado o planejamento das propostas de treino com o objetivo de ensinar por meio do jogo e trabalhar as questões vinculadas à história e à cultura da modalidade. Considerando aqui que as crianças e jovens que estavam participando da escolinha tinham minimamente interesse em saber e/ou saber mais sobre futebol.

Assim, alguns princípios foram o cerne do planejamento, especialmente os trazidos por Freire (2011): é necessário ensinar o futebol a todos, ensinar bem o futebol a todos, ensinar mais que futebol a todos e ensinar a gostar do esporte, contando ainda com os referenciais do conhecimento preconizados pela Pedagogia do Esporte: técnico-tático, histórico-cultural e socioeducativo.

De acordo com Machado, Galatti e Paes (2014) o referencial técnico-tático representa a organização e sistematização pedagógica para a vivência e prática das modalidades esportivas. O aspecto histórico-cultural trata das questões relacionadas à cultura e à história das modalidades trabalhadas, com objetivo de fornecer elementos que possam fomentar a apreciação e o gosto pelo esporte. E no

socioeducativo, preconiza-se o trabalho de valores, para além dos aspectos técnicos e táticos.

Dessa forma as propostas que foram desenvolvidas com o time de futebol das meninas contaram com atividades como pega-pega com condução de bola, pega-pega corrente, minijogos 2x2, 3x3 com goleira, brincadeira de bobinha, com e sem limitação de toques na bola, altinha. Todas essas atividades tinham o objetivo de que elas compreendessem que a ação individual precisava ser pensada em relação ao contexto do jogo.

Por último e não menos importante, um tema que não estava nos planos, mas que aos poucos foi se impondo e precisou ser encarado foi o fato de ser uma mulher treinadora, e mais, uma mulher-mãe treinadora.

Dois textos trazem reflexões sobre o assunto, no primeiro, Silva, Mourão e Goellner (2020) entrevistaram 37 treinadoras de Portugal e houve apenas uma menção sobre maternidade, onde a treinadora comentou que foi chamada pelo clube a trabalhar aos finais de semana e precisava levar a filha ainda no carrinho de bebê para conseguir cumprir sua função por falta de apoio do esposo, que também atuava na área.

No segundo artigo, Guimaraes *et al.* (2023) entrevistaram seis treinadoras de futebol participantes de cursos de certificação oferecidos pela CBF Academy (Confederação Brasileira de Futebol) explorando as vivências delas ao longo dessa formação, mas o tema maternidade não apareceu em nenhum momento dos relatos, tampouco as palavras filho, filha e/ou família. Isso gerou uma dúvida: a temática não estava elencada na vida profissional dessas treinadoras ou apenas não era o foco da pesquisa?

Bem recentemente, nas Olimpíadas de 2024, um movimento liderado pela atleta Allyson Felix³, conseguiu que dentro da vila olímpica fosse organizada uma creche, uma espécie de brinquedoteca, com espaço para amamentação e convivência das crianças e suas famílias.

Uma das falas da atleta chama atenção por tratar do assunto de uma forma bem diferente do que se vê corriqueiramente na imprensa: “é uma mudança de

³ Fonte: <https://primeiraeducacao.com.br/noticia/587/ex-atleta-olimpica-allyson-felix-lanca-primeira-creche-da-vila-olimpica-durante-as-olimpiadas-de-paris-2024-saiba-mais>

cultura, e está dizendo que a maternidade não é o fim; se você escolher ser mãe no meio de sua carreira, você ainda pode ter performances incríveis”.⁴

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para tratar do assunto será assumido o paradigma qualitativo em pesquisa. Esse viés parece atender de forma mais adequada o anseio existente de relatar a experiência vivida como treinadora de futebol no projeto. Essa escolha considera o que diz Negrine (2017, p.59) que uma das linhas mestras desse paradigma se ampara na crença de que as generalizações não são possíveis, centrada na descrição e análise e na interpretação e discussão das informações recolhidas no decorrer do processo investigatório, para que se chegue em um entendimento de forma contextualizada.

O fato de tratar esse estudo como relato de experiência está intimamente relacionado com dois aspectos, dentre outros, suscitados por Larrosa (2002), primeiro: entender o homem como um vivente com palavra, ou seja, um ser que se constitui, que pode se subjetivar pelas palavras.

Assim, como Bondia (2002) disse:

as palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (BONDIA, 2002, p. 21).

Dessa forma falar sobre a experiência vivida ao mesmo tempo que é uma oportunidade pessoal de melhor compreensão do que aconteceu ao longo desse tempo, é um convite para que outras pessoas também possam ter palavras para ampliar e até mesmo comparar a dimensão do que vivem em suas realidades ou que gostariam de experimentar no treinamento de futebol.

A segunda questão tem vínculo com o relato da experiência em si, como uma partilha de algo que me passou, me aconteceu, me tocou (BONDIA, 2002). Porque a oportunidade que tive, de certa forma, modificou a trajetória da minha vida à medida

⁴ Fonte: <https://primeiraeducacao.com.br/noticia/587/ex-atleta-olimpica-allyson-felix-lanca-primeira-creche-da-vila-olimpica-durante-as-olimpiadas-de-paris-2024-saiba-mais>.

que com esse trabalho foi possível estar em interação com o ambiente do futebol e as pessoas que fazem esse ambiente ser dessa ou daquela forma.

Portanto, o que será relatado aqui é a vivência pessoal como treinadora voluntária de um time de futebol de meninas, em diálogo com a literatura disponível, com objetivo de ampliar a discussão sobre o tema.

5 RESULTADOS

5.1 A EXPERIÊNCIA

A atividade aconteceu em um projeto social, "informal"⁵, que será denominado neste trabalho como "Escolinha". Esse projeto existe de forma voluntária há aproximadamente 17 anos, quando Clemer⁶ resolveu “abrir uma escolinha” porque seu filho sofreu um processo de exclusão de jogos na escolinha em que participava.

Clemer e outros amigos da vizinhança começaram a treinar o “time” no campo do Parque da cidade em que viviam. Desde então Clemer vem conduzindo os trabalhos com os meninos. Seu filho já não joga mais porque atingiu a idade adulta, mas ainda ajuda em algumas atividades do time, bem como Éverton, que foi atleta da escolinha e agora treina a categoria sub-12 dos meninos. Eu cheguei até a escolinha em meados de 2021, em razão de um trabalho voluntário realizado durante o período da pandemia do Coronavírus. Conhecendo melhor as pessoas, pensei que poderia oferecer ajuda de outra forma, trabalhando com a Educação Física. Foi então que me apresentaram Clemer e comecei as atividades na Escolinha.

Clemer tem 48 anos de idade e Éverton 28. Eles são jogadores amadores de futebol e futsal, o formato de atendimento da Escolinha se origina da experiência deles nos campos e quadras. Desde a minha chegada temos tentado organizar um time de futebol de meninas. No final de 2021, quando comecei a trabalhar com eles, chegamos a ter 4 meninas participando. Os treinos aconteciam junto com os meninos. Infelizmente, aos poucos, elas foram sumindo e não atingimos o objetivo de ter um time de meninas.

⁵ O termo foi utilizado em razão da Escolinha não ter uma constituição jurídica específica, funcionando de forma totalmente informal, baseada na confiança desenvolvida entre Clemer e a comunidade ao longo dos anos de trabalho.

⁶ Nomes fictícios utilizados em razão da preservação da ética da pesquisa.

Em 2022, começamos com o mesmo planejamento, contudo, interrompemos o trabalho em razão da minha gravidez. Essa pausa aconteceu de uma forma estranha porque Clemer, após conversarmos sobre a gestação, sutilmente foi me dizendo que não precisava de apoio e que eu poderia ficar em casa no dia do treino, e assim de semana em semana, até que entendi que por alguma razão (que imaginei ser cuidado em relação à gestação) ele não queria minha participação estando grávida.

O fato é que eu estava tendo uma gestação tranquila, trabalhei na escola, inclusive participando dos jogos escolares em diversas modalidades, até dias antes do parto, com certos cuidados, mas sem nenhuma intercorrência que exigisse repouso ou outra medida. Então, em maio de 2023, quando Eloísa estava com aproximadamente 5 meses, retornei ao projeto e retomamos a ideia de organizar um time de meninas.

A escolinha sempre atendeu meninos de 6 a 16 anos de idade. Os treinos aconteciam aos sábados pela manhã, das 8h às 12h. Todos os treinos eram finalizados com a entrega de um lanche para cada criança. Clemer é conhecedor da realidade do bairro e entende que fornecer o lanche é algo muito importante e, de fato, muitas vezes as crianças chegavam perguntando se haveria lanche no final do treino.

Não há cobrança de mensalidade e quando há necessidade de arrecadação de recursos são realizados eventos como galletos e rifas. A escolinha é conhecida na região e recebe doações eventuais de bolas e materiais esportivos, tanto de pessoas apoiadoras da causa, como de empresas da cidade que têm alguma ação social.

No retorno ao trabalho no time percebi que algumas coisas tinham mudado, havia mais gente ajudando nos treinos e um planejamento maior em função da participação em campeonatos considerados importantes ao longo do ano, na categoria sub-17 e sub-12, dos times dos meninos. As meninas estavam começando a vir para os treinos, mas ainda não podíamos dizer que tínhamos um time.

Foi nesse momento que um novo treinador entrou em cena, Roberto. Ele também foi jogador amador de futebol e jogou futsal em um time de fora do Brasil, aos poucos percebi que os meninos tinham grande deferência por ele em questão dessa experiência no âmbito do futebol/futsal. Ele parecia fomentar essa “fama” com comentários sobre treinos e jogos daquela época, também usava uniformes do antigo time durante os treinamentos.

Tão logo aconteceu meu retorno, Clemer chamou Everton, Roberto e eu para uma reunião para tratar do andamento da Escolinha. Eu seria responsável pelo time das meninas e a preparação física do time sub-17. Roberto seria o treinador do time sub-17, Everton o treinador do time sub-12 e o próprio Clemer o treinador dos goleiros.

5.2 ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS

A seguir serão tratados nos subtópicos, com mais atenção, os temas relacionados à dicotomia teoria x prática; diferenças culturais do futebol entre meninos e meninas e as questões relacionadas ao fato de ser uma treinadora mulher.

5.2.1 Relações entre teoria e prática

O início nesse trabalho voluntário foi desafiador porque eu já atuava como professora em escola e estava estudando no curso do Bacharelado em Educação Física (na época, em razão da conclusão do mestrado na área da Pedagogia do Esporte, eu estava oficialmente em afastamento do curso).

Esses desafios tinham origem nas muitas expectativas relacionadas tanto à experiência na docência quanto aos temas que vinha estudando na faculdade (tanto no bacharelado quanto no mestrado). Assim, a inserção no contexto do futebol me mostrou que a realidade era mais complexa do que eu pensava. Dessa forma colocar em prática algumas ideias se tornaria um tanto mais difícil do que eu imaginava.

Um exemplo disso é que ao longo do tempo, tentei desenvolver um trabalho específico para as meninas baseado na aprendizagem por meio de jogos e na pedagogia da rua (FREIRE, 2011), com o objetivo de fomentar o desejo delas de seguir jogando e para que pudessem avançar no entrosamento com a família dos jogos de bola com os pés (SCAGLIA, 2003).

Esse objetivo foi planejado primeiro por entender que jogar futebol está para além de participar de treinos, e vinculado também a uma espécie de rotina de prática do “bate-bola” tanto em casa, quanto em outros momentos de jogos como na escola

e nas praças do bairro. Essa ideia se reforça com o que escreve Scaglia (2021) em seu estudo com jogadores que se tornaram treinadores:

Todos os ex-jogadores entrevistados, de início, eram instigados a contar suas respectivas infâncias. Com um sorriso no rosto, contavam-me suas travessuras impregnadas pelo lúdico (entendido como liberdade de expressão), repletas de jogos dos mais variados. Logicamente, as brincadeiras pertencentes ao universo dos jogos de bola com os pés ganhavam um destaque especial. (SCAGLIA, 2021, p.25).

Assim, preocupei-me em organizar aquecimentos com brincadeiras até mesmo lúdicas como pega-pega com condução de bola, jogos de confrontos 1x1, 2x2, brincadeira de “bobinha” e minijogos.

Nossos treinos aconteciam somente uma vez na semana, nos sábados pela manhã, e o campo era dividido, no primeiro mês, com os meninos da categoria sub-17 e depois com os da categoria sub-12. Então, em metade do campo aconteciam as atividades das meninas e na outra metade as dos meninos.

O fato é que elas faziam comparações entre o nosso treino e o que acontecia na outra metade do campo, em que a condução pode ser considerada totalmente tradicional. Enquanto nossa proposta envolvia muitas atividades vistas como “brincadeiras”, conforme citado anteriormente, as dos meninos envolviam condução de bola em torno de cones, corridas ao redor do campo, fila para realização de passes e chutes a gol.

Essa dinâmica de treino pode ser identificada com o paradigma tradicional de ensino do esporte, baseado no “princípio analítico-sintético que propõe o ensino, vivência e aprendizagem do esporte a partir do exercício de habilidades isoladas, com ênfase na repetição de tarefas para o aprimoramento técnico” (GALATTI, *et al.*, 2014, p.156).

A opção pela oferta de atividades vinculadas a esse modelo tradicional não sofria qualquer questionamento porque não aconteciam reuniões pedagógicas entre as pessoas que davam os treinos, tampouco parecia haver interesse no debate, ainda que Roberto tivesse iniciado o curso de Educação Física (tendo interrompido a formação, mas realizou a disciplina de futebol, conforme suas palavras). Os demais tinham sido ou eram jogadores amadores que se voluntariaram para treinar e ajudar Clemer nos treinos e não demonstraram vontade de tratar do assunto.

Assim, além de ser uma mulher treinadora, defendendo um ponto de vista “estranho” ao ambiente (buscando a inserção das meninas e mudanças em um

contexto ainda impregnado de machismo), eu trazia propostas de treino que pareciam consideradas “menos válidas”, tanto pelos outros “treinadores” quanto pelas próprias jogadoras.

Em um dos nossos primeiros treinos algumas meninas me questionaram quando elas iam correr ao redor do campo, porque elas viram os meninos fazendo isso (nessa época ainda aconteciam os treinos da categoria sub-17 ao mesmo tempo que o nosso). E enquanto eles estavam correndo ao redor do campo (o que entendi como o início da preparação física), nós estávamos fazendo uma atividade com campo reduzido onde elas foram divididas em dois times e ganharam números, então, aleatoriamente, eu chamava os números e elas tentavam disputar a bola com a adversária para fazer o gol na mini goleira.

Ao final do nosso primeiro treino uma delas veio me perguntar quando elas iriam correr ao redor do campo. Eu perguntei por que ela queria correr ao redor do campo e ela justificou que era o que os meninos tinham feito. Então, indaguei se a nossa atividade tinha tido exigência física e técnica delas (porque algumas se juntaram na conversa). Elas responderam que sim, mas ainda queriam correr ao redor do campo. Entendi que era uma situação em que poderiam se aproximar dos meninos, então perguntei se elas conheciam os meninos e/ou queriam ter contato com eles, daí ficaram tímidas, o que deu a entender que poderia ser a questão.

O assunto foi sendo discutido de forma descontraída porque, na minha visão, o fato de dividirmos o espaço com os meninos não deveria ser tratado como um tabu e que se elas tivessem alguma questão em relação a isso, precisariam ter confiança para me contar.

O tema se estendeu além do treino com novo questionamento no grupo de whatsapp que mantínhamos, aí eu perguntei se era diferente correr ao redor do campo e brincar de pega-pega, no sentido da exigência física, que era o meu foco naquele momento do treino. Elas demonstraram certa dúvida e foi difícil que entrássemos em acordo sobre o assunto.

Eu tentei explicar que nosso “treino físico” acontecia nas “brincadeiras” que estávamos fazendo como pega-pega com condução de bola e jogos de “bobinha”. Mas elas não demonstravam entender e aceitar a ideia.

Duas situações me passaram em relação a esse episódio: a primeira é uma analogia ao que relataram Silva e Martins (2023, p.5) falando sobre o ensino do esporte a partir do ponto de vista feminista: “os valores culturais, como a desigualdade

de gênero, interferem na forma como cognitivamente desenvolve-se a ciência”. Se há interferência dos valores culturais na ciência, poderiam eles intervirem também na forma de racionalidade das pessoas em geral? Se a resposta for positiva, é possível que as meninas tivessem em seu imaginário a ideia de que o treino dos meninos seria o exemplo de treino ideal.

O que corroboraria com a segunda questão que também tem relação com o que escreveram Silva e Martins (2023, p.6) sobre como “as diferenças são ordenadas e um tipo de padrão é escolhido, julgando todos os que estão fora deste como versões falhas ou incompletas”. Caso essa hipótese seja verdadeira, isso explicaria o fato de as meninas demonstrarem interesse em comparar o treino delas com o dos meninos, dando a entender que o treino deles seria o mais adequado.

Outro fator que pode contribuir para pensarmos essa questão é o que foi relatado por Ricardo, Plotegher e Hartmann (2023) quando pesquisaram com uma turma escolar a experiência de uma “Roda de Conversa sobre Mulheres no Futebol e Jogos de Futebol” e perceberam que durante os jogos masculinos “o futebol que chamavam de ‘sério’ era esporte de e para homens, e que ‘meninas’ e ‘meninos não habilidosos’ até poderiam jogar, mas não junto com eles, senão o jogo ‘não andava’” (RICARDO; PLOTEGHER; HARTMANN, 2023, p.227).

Em alguns treinos, ao final do horário, os meninos da categoria sub-12 e as meninas eram reunidos e, assim, conseguíamos fazer um jogo no campo todo. Como havia muito mais meninos, normalmente eles tinham quase dois times (com 11 jogadores), enquanto as meninas estavam entre 6-7 jogadoras, então alguns meninos vinham para nosso time (mas continuávamos sendo o “time das meninas”) e jogávamos contra o time “dos meninos”.

Eu sempre reunia as meninas e os meninos e fazia com que rapidamente se apresentassem (caso ainda não soubessem seus nomes) e organizávamos as posições em campo. Começava o jogo e íamos ajustando e tentando tornar o jogo mais coletivo possível, porque algumas meninas ainda estavam aprendendo as movimentações, a organização defensiva da famosa linha de impedimento e o fato de alguns meninos que jogavam no nosso time terem dificuldade em passar a bola para as meninas.

Mais ainda, era preciso cuidado com o que acontecia fora do campo, porque alguns amigos e familiares ficavam nas arquibancadas, e muitas vezes, se dirigiam ao jogo proferindo piadas machistas e preconceituosas com os lances que envolviam

as meninas, bem como quando elas faziam gols e eles faziam provocações ao “time dos meninos” questionando se eles iam perder para as meninas (de forma pejorativa).

Sobre o enfrentamento de preconceitos tivemos um momento emblemático que foi uma competição em que participamos com os times dos meninos. Essa competição aconteceu em um dos estádios do município, então foi um dia de bastante nervosismo e ansiedade por parte das meninas. Primeiro por jogar em um campo oficial com torcida e segundo por jogar junto com os meninos, elas tinham muitas dúvidas de como isso aconteceria (sobre aspectos técnicos e até mesmo sobre a segurança física delas).

Chegamos no estádio e aos poucos Clemer foi entregando o material de jogo para cada time. Os meninos acessaram um vestiário (com o ambiente tradicional, pequeno, entre o formato quadrado e o retangular, com bancos encostados nas paredes), assim, ficamos do lado de fora aguardando o nosso material para encontrar um lugar adequado para a troca de roupa e demais ajustes.

Encontramos um banheiro perto da lanchonete do clube, elas foram se trocando e estavam interessadas em se olhar no espelho, o uniforme não agradou muito porque era do formato tradicional, com camisetas e calções grandes. Ensinei elas a dobrarem o elástico do calção para se ajustar melhor à altura desejada. Conversamos um pouco sobre o fato de não existir um vestiário para as meninas, mas elas estavam tão ansiosas pelo jogo que esse assunto ficou em segundo plano.

Como as idades delas e o aspecto técnico eram bem variados, foi organizado para que participassem do time mais próximo à sua categoria, então, tivemos uma menina jogando com o sub-10, quatro jogaram com o time sub-12 e outras três jogaram com o time sub-17. Havia mais um time na competição que tinha uma menina jogando junto.

A abertura atrasou e a organização estava um pouco atrapalhada, o que acabou gerando um atraso considerável nos jogos, com isso eu, que estava responsável pelo time sub-12, não consegui acompanhar as partidas porque chegou meu horário de voltar para casa e me dedicar à amamentação e cuidados com a Eloísa. Saí do estádio um tanto frustrada com a situação.

Acompanhei os relatos pelo grupo do whatsapp e ao longo da tarde deu uma chuva bem forte na região, então fiquei muito curiosa para saber como se deu a participação das meninas nos jogos. Já era quase noite quando enviaram fotos e relatos da vitória na competição, após a disputa de pênaltis. No grupo das meninas

não houve manifestação, então enviei mensagens individuais para saber notícias delas.

Para minha surpresa, uma das respostas foi bem impactante porque a jogadora (que jogou no time sub-17) disse que não gostou por ter passado o dia todo na espera, tomando sol e depois chuva e pode jogar apenas cinco minutos. Nas palavras dela foi uma situação de injustiça porque não tiveram oportunidade de mostrar seu talento pelo curto tempo que puderam jogar. E se fosse dessa forma não jogaria com os meninos novamente, teria preferência por ficar em casa com sua família. Respondi a ela que falaria sobre o ocorrido com Clemer e que no próximo treino poderíamos conversar juntas e encontrar um jeito de melhorar.

Quando chegamos no treino da semana seguinte, recebi novas reclamações, agora da nossa goleira e da outra jogadora. A goleira também entrou nos minutos finais e estava se preparando para a defesa das cobranças de pênaltis quando foi substituída. Elas estavam demonstrando indignação com o ocorrido e procurei entender o que aconteceu para conversar com Clemer e com Roberto que eram os responsáveis pelo time.

Quando questionei sobre a situação, ele reconheceu que foi um problema que tiveram, mas, de forma sutil, deixou a responsabilidade para Roberto, que era o treinador no momento da partida, que na próxima teríamos que nos organizar melhor e finalizou a conversa de forma evasiva. Roberto, quando perguntado, usou a ironia para responder, perguntando de volta se elas não queriam ganhar, dando a impressão de que a presença delas em campo poderia representar alguma fragilidade ao time.

Hoje percebo que poderia ter tido uma atitude mais firme e com outros argumentos porque talvez tenha passado a impressão de condescendência com aquela atitude de Roberto e de Clemer, porque, de alguma forma também havia dúvida sobre o aspecto técnico do jogo delas, com isso fica perceptível a necessidade de mudança de atitude em relação a minha prática como treinadora ponderando sobre o que escreveram Silva e Martins (2023)

“considerar meninas (e outros corpos menos hábeis) como um problema no espaço das práticas esportivas tem como consequência a extração do poder de agência, silenciando suas capacidades de identificar essas barreiras e de propor soluções, negociar ou transformar seu entorno.” (SILVA; MARTINS, 2023, p.7).

A realização da reflexão para escrita desse trabalho, em conjunto com leituras complementares sobre o tema me fizeram perceber esses detalhes bem importantes para um melhor entendimento da questão bem como a adoção de uma postura ainda mais determinada e vigilante no sentido da busca pela igualdade.

Outro aspecto marcante é a necessidade de maior familiaridade e que pode auxiliar nesse processo e o reconhecimento da cultura do futebol, em todas as aulas eu perguntava se elas assistiam a jogos e a resposta foi sempre negativa. Questionava também se conheciam personagens esportivas de destaque e a resposta era sempre de alguns jogadores homens.

O grupo de whatsapp foi utilizado como recurso de apoio pedagógico, pois ao longo do campeonato mundial de futebol de mulheres (ocorrido em 2023) eu enviava links da transmissão dos jogos, bem como tentava instigar elas perguntando quem estava assistindo tal jogo, o que estavam achando, mas não tive retorno. No final do ano teve a final do campeonato gaúcho feminino (jogo grenal) e tive oportunidade de assistir no estádio, também mandei mensagem perguntando se havia alguém no estádio acompanhando, apenas uma das meninas respondeu negativamente.

Esses questionamentos davam conta de tentar fazer com que elas tivessem acesso a informações relacionadas ao futebol de mulheres, atendendo, assim, objetivos relacionados ao aspecto histórico-cultural do futebol, atendendo demandas relacionadas à cultura e à história da modalidade.

5.2.2. O futebol como carreira esportiva já é um objetivo delas?

Das meninas que acompanhei ao longo do ano de trabalho na escolinha, pude perceber interesses diversos, desde a vontade de aprender a jogar futebol passando pelo desejo da socialização, até a simples curiosidade. A impressão que se tinha era que a possibilidade de jogar futebol como uma profissão não era um objetivo realizável, então elas não demonstraram enfaticamente ter esse “sonho”. Pensando a partir do ponto de vista feminista (SILVA; MARTINS, 2023) não quero tecer paralelo em relação ao que via com os meninos e o que me pareceu é que a falta de representatividade era um fator importante nesse quesito.

Sobre o tema, chamou atenção a manutenção da ideia de senso comum sobre a profissionalização no futebol como algo que pudesse trazer ascensão social, em

relação aos “sonhos” manifestados pelos meninos. Esse desejo ficava evidente também nos discursos, tanto de Clemer quanto de Éverton. No fomento a essa ideia não parecia haver qualquer crítica porque, infelizmente, o que se sabe é que, no Brasil, segundo dados da CBF, mais de 80% dos atletas assalariados recebiam até R\$1 mil⁷.

Esse mesmo caminho não era algo visto da mesma forma pelas meninas, algumas até davam a impressão de que estavam ali sem saber exatamente a razão. Além de uma espécie de rotatividade de ingresso e saída do time. Ao longo do ano, de maio a dezembro, chegamos a ter 20 meninas inscritas no time, desde duas irmãs com 5 e 6 anos até meninas com 18 anos de idade.

Algumas meninas simplesmente não apareciam mais nos treinos, duas justificaram que não seguiriam no time em razão do envolvimento com estudos ou o ingresso no mercado de trabalho. De forma assídua tínhamos a participação de 5-6 meninas todos os sábados.

No final do ano, em dezembro, conseguimos marcar um amistoso de futebol 7 com outro time de meninas, em quadra de grama sintética. Conversando com o treinador do time adversário, ele me contou que também tentou formar um time de futebol de campo, mas desistiu porque não conseguia ter um bom número de jogadoras.

Esse evento foi marcante porque as meninas puderam jogar contra outras meninas e perceber uma realidade diferente da nossa, com a cobrança de mensalidade e com a participação em competições em outras cidades ao longo do ano, por exemplo. Aqui não pretendo que se faça um juízo de valor se essa ou aquela realidade é melhor, a questão que importa é que as meninas tiveram a possibilidade de perceber que existem múltiplas possibilidades para a prática esportiva, de alguma forma ampliando seus horizontes dentro do esporte.

Em 2023 houve a publicação do Decreto 11.458/2023 que institui a estratégia nacional para o futebol feminino. Esse é um passo dado pelo poder público no sentido de estabelecer políticas para promover, fomentar e incentivar a inserção e a manutenção de meninas e mulheres no futebol. Esse parece ser um avanço significativo em relação às políticas públicas de fomento à participação de mais

⁷ Fonte: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2022/12/04/salario-medio-de-jogadores-de-futebol-nao-alcanca-nem-as-100-maiores-remuneracoes-de-contratacao.ghtml>

meninas no cenário esportivo. Contudo, segundo matéria veiculada no jornal Brasil de Fato, nesse mesmo ano, 2023,

“a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) informou que destinou cerca de R\$15 milhões no Brasileirão Feminino. Foram repassados R\$ 5 milhões diretamente aos 16 clubes participantes. O valor está bem distante do que o que a entidade anunciou este ano (2024) para série D do campeonato masculino, a última divisão organizada pela Confederação. São R\$105 milhões no total e 25 milhões aos times. (LACERDA, 2023).⁸

Dessa forma, é possível que se pense que ainda que haja essa vontade do poder público de que mais meninas e mulheres participem do futebol, ainda há uma distância grande em relação a questões estruturais para a plena participação delas.

E essas questões também têm relação com as aulas de Educação Física porque em paralelo ao trabalho voluntário nessa escolinha eu atuo junto a rede municipal de educação da cidade, ao longo de todo ano letivo, alunas e alunos são convidados a participar dos jogos municipais. Quando disputei esses jogos com o time da escola em que trabalho eu comecei a notar a ausência das meninas que regularmente estudavam em outras escolas, ao passo que encontrei 3-4 meninos da escolinha jogando pelas suas respectivas escolas, inclusive competindo em outras modalidades esportivas. Sempre questionei elas se na escola elas jogavam e como era nas aulas de Educação Física e a resposta era sempre de falta de incentivo, que às vezes jogavam com os meninos no recreio.

Esse relato delas vai na contramão do que tem dito a literatura onde Greco, Morales e Aburachid (2017), Gallatti *et al.* (2017) e Santana e Reis (2003) falam da importância da Educação Física escolar para o desenvolvimento do conhecimento esportivo. Talvez o elemento preponderante dê conta ou do despreparo do corpo docente nessa rede de ensino ou do quanto ainda há elementos do preconceito atrapalhando esse processo.

Em duas oportunidades participamos de jogos competitivos junto com os meninos das categorias sub-12 e sub-15 (que eram as idades delas). Além de jogarem pouco tempo, a reclamação de que os meninos não passavam a bola pra elas foi contundente, isso acontecia também nos treinos em que realizamos jogos no campo todo e nos misturamos com o time sub-12 de meninos (porque não havia meninas para formar um time completo).

⁸ Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2023/07/28/futebol-feminino-no-brasil-vai-da-proibicao-ao-melhor-momento-mas-e-preciso-investir-mais>

Em um desses dias o time das meninas ganhou dos guris e eu fiquei impressionada com os comentários tanto de Clemer quanto de outros apoiadores que estavam ali, impressionados que as meninas tinham vencido e com falas jocosas para os meninos que haviam perdido. Esse é um ponto que sempre me chamou atenção porque na parte que havia jogo, tanto os meninos maiores quanto algumas pessoas (familiares ou não) que estavam assistindo reproduziam um festival de comentários desagradáveis em relação ao jogo. Tentamos sempre conversar sobre isso ao final dos treinos, reunindo todos no centro do campo, mas era algo que acabava se repetindo.

Outro ponto que me chamou atenção foi que Clemer sempre foi enfático em dizer que não se sentia confortável em estar a frente de um time feminino, que essa seria a minha atividade na escolinha. Esse aspecto é marcante porque percebi, por ouvir algumas falas dele, que ele tem certo receio de estar em meio às meninas e poder sofrer algum tipo de acusação de machismo ou algo do tipo.

Sobre essa questão tive sentimentos ambíguos, de um lado porque fiquei pensando que ele sentia insegurança em relação a trabalhar com elas por não ter uma formação ou treinamento para atuar frente aos desafios e à abordagem de questões atravessadas por meninas e mulheres nos espaços esportivos (SILVA; MARTINS, 2023, p. 11); de outro, porque para ele o fato de terem uma “referência feminina poderia significar um ponto de acolhimento”, o que reforça a ideia de Silva e Martins (2023, p.11).

Por fim, a questão da profissionalização no futebol ainda parece ser uma realidade distante para as jogadoras da escolinha. A falta de representatividade e um ensino que pode melhorar em relação a compreensão do que elas necessitam e de como emponderá-las para tomar as melhores decisões sobre sua trajetória esportiva são aspectos que parecem ter grande interferência nesse quesito.

5.2.3. Desafios de ser treinadora e mãe

O nome desse tópico demorou a ser definido, inicialmente seria chamado de “desafios de ser uma treinadora mulher”, porém, parece que ser uma treinadora já abarca o marcador social ser mulher, contudo, como deixar isso salientado sem ser redundante?

Eis que ao longo da escrita surge fortemente a questão da maternidade e novo questionamento: ser uma mãe treinadora ou uma treinadora mãe? Tentou-se a resolução da dúvida pensando nos inúmeros papéis que acumulamos ao longo da vida, então ser treinadora teve o acréscimo do ser mãe.

A partir da ideia de ser treinadora de futebol e da realização de leituras específicas (após o mestrado) comecei a entender que esse percurso poderia ser bastante árduo e cheio de desafios.

Passero *et al.* (2020) analisaram a participação das mulheres nos cargos de comissão técnica e de arbitragem no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino desde a primeira edição da competição, em 2013, até o ano de 2019. Nesse estudo as/os pesquisadoras/es encontraram um dado que demonstra o tamanho desse desafio: “verificamos que as mulheres correspondem a 17% das treinadoras no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino” (PASSERO *et al.*, 2020, p. 11).

Ainda, segundo a pesquisa, “os resultados mostram que, se não houver rupturas e a participação das mulheres continuar aumentando linearmente ao longo do tempo, a igualdade numérica será alcançada entre as décadas de 2030 e 2040” (PASSERO *et al.*, 2020, p. 9). Um aspecto positivo e timidamente animador é que a tendência verificada com os dados é de que há um aumento lento e gradual na participação de mulheres em todos os cargos analisados.

Pessoalmente, saber sobre as notícias de preconceitos e desafios para a carreira de mulheres treinadoras não foi desestimulante. A questão é a manutenção desse desejo tendo em vista outros desafios que seriam verificados nessa breve experiência, como o fato de propor treinos com base no jogo (conforme demonstrado no item 5.2.1); o fato de enxergar situações, a partir do ponto de vista feminista, que pareciam não fazer a mínima diferença para meus pares (como por exemplo, o fato de não ter um vestiário feminino na competição em que participamos com os meninos ou o fato de nos jogos mistos, os meninos terem dificuldade em passar a bola para as meninas).

O tema da qualificação trazido por Guimaraes *et al.* (2023) aponta que estudos em várias partes do mundo, em diferentes modalidades esportivas, têm verificado que as mulheres possuem, em muitos casos, alta qualificação, contudo, por questões de confiança e baixa percepção de autoeficácia, demonstram dificuldade no ingresso, manutenção e progressão como treinadoras.

Na realidade onde a experiência como treinadora se desenvolveu, pensando em experiência formal de ensino, eu era a única que possuía curso de graduação e pós-graduação na área, o treinador Roberto havia interrompido o curso de Educação Física no início da formação e os demais não haviam concluído o nível básico.

Sempre tive uma postura observadora em relação ao processo pedagógico que acontecia, porque, até então, eu era a pessoa que tinha chegado por último e estava ainda entendendo como as coisas aconteciam naquele contexto esportivo e cultural. Tinha especial interesse por entender como se desenvolviam as relações entre Clemer e as crianças e jovens, bem como com Éverton e os outros apoiadores.

Aconteceram algumas reuniões entre Clemer, Éverton, Roberto e eu. Não havia periodicidade, elas eram realizadas sempre que Clemer desejava planejar alguma ação, contudo, sempre fiquei em dúvida sobre qual era o melhor momento de expor o que eu pensava sobre as rotinas de treinos e a forma de proceder nas aulas. Chegamos a ter um grupo de whatsapp, Roberto, Éverton e eu, denominado “treinadores”.

Neste grupo foram tratados temas como a possibilidade de comprarmos um uniforme de “treinador”; calendário de jogos em competições; presença/ausência em treinamentos; cancelamento de treinos em razão de chuvas. Teve uma postagem de Éverton comentando que estava assistindo a um vídeo com a legenda: “sempre estudando”, contudo, não foi possível entender o tema em questão e não houve qualquer discussão sobre o conteúdo.

Talvez o tempo de duração do meu trabalho não tenha sido suficiente para que se criasse um vínculo que oportunizasse a criação de uma espécie de comunidade de prática (WENGER, 1998 *apud* GOLÇALVES; PARKER; CARBINATTO, 2021, p.3) entre as pessoas que planejavam e orientavam os treinos, ao mesmo tempo que mesmo tendo experiência como jogadora e o aprendizado formal, não entendia que meu papel era ditar qualquer alteração na rotina do que já acontecia, porque me parecia importante que aos poucos eu conseguisse mostrar meu trabalho e ideias e, a partir daí essa referência fosse sendo criada e consolidada, o que também não tenho certeza que tenha acontecido nesse espaço de tempo da nossa convivência.

Um outro aspecto acabou sendo um tema importante ao longo do tempo de trabalho, a maternidade. Como já contei anteriormente, meu retorno ao trabalho na escolinha aconteceu quando a minha filha, Eloísa, estava com, aproximadamente,

cinco meses de idade. Ela se alimentava exclusivamente com aleitamento materno, então minha participação nos primeiros treinos tinham um tempo quase cronometrado.

Além disso, tempos depois, surgiram compromissos de jogos e competições aos domingos e sábados à tarde, além de algumas reuniões à noite durante a semana, para além dos treinos que aconteciam nos sábados pela manhã. Esses compromissos extras acabaram gerando conflitos internos e em casa, em relação aos cuidados com a Eloísa, porque tanto o espaço onde aconteciam os treinos bem como campos onde jogamos amistosos e disputamos torneios não poderiam ser considerados ambientes adequados para uma criança de 9-10 meses de idade.

Esses “dilemas” traziam certo sofrimento e dúvidas em relação a seguir com o trabalho porque parecia ser importante poder acompanhar o time atuando, especialmente o das meninas, para verificar se o que vínhamos treinando estava tendo o retorno esperado.

Sobre isso, tivemos uma competição, descrita no item 5.2.1, em que jogamos com o time dos meninos. Os jogos atrasaram e eu não consegui estar presente pela necessidade de voltar para casa e dividir os cuidados com a Eloísa. Saí do evento com um misto de sentimentos, entre frustração, por não poder acompanhar os jogos e alegria pelo reencontro com a filha. Fiquei pensando se os homens do time passaram (não havia nenhum com filho/a pequeno/a no momento) por “dilemas” parecidos ou sentiram algo parecido em relação aos cuidados com suas crianças.

No treino seguinte a esse evento surgiram situações bem interessantes como, por exemplo, o fato de disputarem a final nos pênaltis e o treinador Roberto substituir a menina que estava jogando como goleira para colocar um menino. Outro episódio nesse dia foi que uma das meninas comentou em tom crítico o fato de ter aguardado o dia todo e ter jogado apenas cinco minutos. Por mais que tenhamos tentado “resolver” esses problemas conversando posteriormente, esses ocorridos trouxeram algumas reflexões: a minha presença no campo teria feito diferença nas decisões tomadas? Eu conseguiria, de alguma forma, oportunizar a maior participação delas nos jogos?

Então a impressão que fica é que se já era desafiador ser uma mulher treinadora, com a vontade de implementar ideias diferentes das vigentes naquele contexto, a maternidade trouxe outras reflexões e desafios adicionais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do presente trabalho revelou o desenvolvimento de três grandes temas para o debate: ser uma treinadora mulher, questões sobre metodologia de treino e a relação entre ser treinadora e a maternidade.

O fato de ser uma treinadora mulher demandou uma energia extra no sentido de identificar as questões que poderiam limitar a participação das jogadoras tanto nos treinos quanto nas competições e propor mudanças de atitudes que pudessem alterar esse cenário. Como no caso dos jogos mistos que aconteceram ao final dos treinos, onde foram identificadas falas preconceituosas e discriminatórias por parte das pessoas que assistiam e na competição que elas participaram junto com o time dos meninos, tendo seu tempo de jogo limitado.

Foi importante que, aos poucos, percebi que as demandas surgiam pela capacidade delas de apontar as dificuldades e a minha posição foi utilizada, ou tentou ser, no sentido de valorizar o que elas diziam e tentar alertar para a mudança das atitudes consideradas inadequadas, buscando alternativas para que os meninos tivessem confiança em passar a bola para elas nos jogos, tentando demonstrar esse o entendimento de igualdade para as outras pessoas responsáveis pelos treinos e buscando o empoderamento delas para enfrentar o preconceito por gostarem de jogar futebol.

Dentro da realidade estudada ficou evidenciado que ainda há um cenário que pode ser considerado tradicional, com a manutenção de um planejamento de treinos analítico e sem uma proposta pedagógica que traga o tema para reflexão.

E, ainda, uma espécie de resistência, tanto das pessoas que davam os treinamentos quanto de algumas jogadoras, em relação a apresentação de atividades nos treinos voltadas ao ensino do futebol por meio de jogos, consideradas como menos válidas do que o chamado modelo tradicional de ensino. Fica uma dúvida se o fato de ser a única mulher trabalhando em meio aos homens, planejando e propondo os treinamentos, foi um fator decisivo para essa resistência ou se isso foi fruto do desconhecimento das informações específicas e atualizadas pertinentes.

A escrita desse trabalho de conclusão foi um momento marcante e assim como a experiência relatada, desafiadora. Foi importante refletir sobre algumas passagens

vividas naquela época para uma melhor elaboração do assunto com suporte no embasamento teórico de forma mais aprofundada.

As questões envolvendo a maternidade foram se fazendo presentes ao longo do tempo e trazendo dificuldades adicionais porque internamente eu tentava equalizar os desafios da maternidade real x maternidade idealizada, bem como problemas envolvendo situações estruturais que puderam ser verificados, como a falta de melhores condições para que fosse viável a minha participação, junto com a minha filha, em alguns momentos importantes das jogadoras como por exemplo nas competições e horários além dos treinos.

Aparentemente, pelos relatos jornalísticos trazidos ao longo do texto, é possível perceber que começamos, como sociedade, a enxergar algumas situações vividas por mães atletas/treinadoras, contudo, é preciso avançar e atuar para que essas situações sejam resolvidas e/ou atenuadas. Com isso, incentivando para que mais pessoas que cuidam de crianças (sejam mães ou pais) possam viver esse momento plenamente sem a percepção de que estão abrindo mão de algo na sua carreira esportiva/profissional pelo bem estar e/ou melhor desenvolvimento de seus filhos e filhas.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 14 de abril de 2024.

BRASIL. Decreto-Lei no. 3199. Rio de Janeiro: **Imprensa Oficial**, 1941. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 05 de julho de 2024.

BRUM, Lorena. Ex-atleta olímpica, Allyson Felix lança primeira creche da Vila Olímpica durante as Olimpíadas de Paris 2024. **Primeira Educação**. Ago, 2024. Disponível em: <https://bit.ly/4cpPhXT> Acesso em: 04 de agosto de 2024.

CATTO, Andre. Salário médio de jogadores de futebol não alcança nem as 100 maiores remunerações de contratação. **G1**. Dez, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2022/12/04/salario-medio-de-jogadores-de-futebol-nao-alcanca-nem-as-100-maiores-remuneracoes-de-contratacao.ghtml> Acesso em 10 de abril de 2024.

CUETO, José Carlos. O que o futebol feminino pode ensinar ao masculino. **BBC News Brasil**. Jul, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cn0j68rkyr1o> Acesso em: 20 de julho de 2024.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol**. 4.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

FREIRE, Joao Batista. **Pedagogia do futebol**. 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

GALATTI, Larissa Rafaela; REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides Jose; PAES, Roberto Rodrigues; SEOANE, Antonio Motero. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Rev. Educ. Fís/UEM**, v. 25, n. 1, p. 153-162, 1. trim. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/refuem/a/TmSL4WC7smH9TmQRDXCdz7Q/?format=pdf> Acesso em 20 julho de 2024.

GALATTI, Larissa Rafela; SCAGLIA, Alcides Jose; MONTAGNER, Paulo Cesar; PAES, Roberto Rodrigues (org.). **Desenvolvimento de treinadores e atletas: pedagogia do esporte**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun.

2005. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/rbefe/article/view/16590>. Acesso em 05 julho de 2024.

GONÇALVES, Luiza Lana; PARKER, Melissa; CARBINATTO, Michele Viviene. COMUNIDADE DE PRÁTICA E O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA BRASILEIRA. **Movimento** (Porto Alegre), v. 27, e27073, 2021. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/113015/65726> Acesso em 10 de agosto de 2024.

GRECO, Pablo Juan; MORALES Juan Carlos Pérez; ABURACHID, Layla Maria Campos. In: GALATTI, L. R.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C.; PAES, R. R. (org.). **Desenvolvimento de treinadores e atletas: pedagogia do esporte**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017. p. 107-136.

GUIMARÃES, Karen Letícia; BARREIRA, Júlia; GALATTI, Larissa Rafaela. “SER MULHER EM UM CURSO DE FUTEBOL JÁ É COMEÇAR COM UM PASSO ATRÁS”: EXPERIÊNCIAS DAS TREINADORAS EM CURSOS DA CBF ACADEMY. **Movimento**, v. 29, e29010, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/126706> Acesso em 19 de julho de 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Práticas de esporte e atividade física: 2015. rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2100364> Acesso em 01 de julho de 2024.

JACO, Juliana Fagundes. **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E GÊNERO: Diferentes maneiras de participar das aulas**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/275040> Acesso em 17 julho de 2024.

LACERDA, Nara. Futebol feminino no Brasil vai da proibição ao melhor momento, mas é preciso investir mais. **Brasil de Fato**. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/07/28/futebol-feminino-no-brasil-vai-da-proibicao-ao-melhor-momento-mas-e-preciso-investir-mais> Acesso em 01 de agosto de 2024.

MACHADO; Gisele Viola; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. PEDAGOGIA DO ESPORTE E O REFERENCIAL HISTÓRICO-CULTURAL: INTERLOCUÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 414-430, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3snLRkW> Acesso em 13 julho de 2024.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (org.). **A pesquisa qualitativa da Educação Física: alternativas metodológicas**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2017. p. 59-96.

NICOLINO, Aline; OLIVEIRA, Valleria Araujo de. “OCUPAR A QUADRA”, EMPODERANDO MENINAS: AMPLIANDO DIÁLOGOS SOBRE FUTEBOL E

GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 61-70, set. 2020. Disponível em: <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/cadernos/issue/view/179/showToc> Acesso em 15 de junho de 2024.

PASSERO, Julia Gravena; BARREIRA, Júlia; TAMASHIRO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José; GALATTI, Larissa Rafaela. FUTEBOL DE MULHERES LIDERADO POR HOMENS: UMA ANÁLISE LONGITUDINAL DOS CARGOS DE COMISSÃO TÉCNICA E ARBITRAGEM. **Movimento**, v. 26, e26060, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/100575>. Acesso em 25 de julho de 2024.

RICARDO, Karoline Hachler; PLOTEGHER, Ândrea Tragino; HARTMANN, Andressa. CORPOS QUE PERFORMAM FUTEBÓIS: “RODA DE CONVERSA
RICARDO, Karoline Hachler; WITTIZORECK, Elisandro Schultz; SILVEIRA Raquel da. Gurias e futebol: deslizamentos do gostar nas aulas de Educação Física. **Revista Cocar**. V.19 N.37, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7810> Acesso em 22 de abril de 2024.

ROMERO, Elaine; PEREIRA, Erik Giuseppe B. (org.). **O universo do corpo: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Shape, 2008.
ROMERO, Eliane. **A arquitetura do corpo feminino e a produção do conhecimento**. In: ROMERO, E. (org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1995. p. 235-270.

SANTANA, Wilton Carlos de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futsal Feminino: perfil e implicações pedagógicas. **R. Bras. Ci. e Mov.** 11(4): 45-50, 2003. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br/index.php/RBCM/issue/view/47>. Acesso em: 03 julho de 2024.

SCAGLIA, Alcides Jose. **O FUTEBOL E OS JOGOS/BRINCADEIRAS DE BOLA COM OS PÉS: TODOS SEMELHANTES, TODOS DIFERENTES**. 2003. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/299715> Acesso em 20 de julho de 2024.

SCAGLIA, Alcides José. **Pedagogia, futebol... e rua**. 1ed. Goiânia, GO: Talu esporte Educacional, 2021.

SILVA, André Luiz dos Santos; SILVEIRA, Raquel da; KLANOVICZ, Jamile Mezzomo; JAEGER, Angelita Alice. TREINAMENTO DE MULHERES ATLETAS: UMA ANÁLISE DO INSTAGRAM DE JOGADORAS DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL EM TEMPOS DE PANDEMIA. **Movimento** (Porto Alegre), v. 27, e27007, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br//Movimento/article/view/110137> Acesso 02 de julho de 2024.

SILVA, Bruna Saurin. **RELAÇÕES E SENTIDOS CONSTRUÍDOS POR MENINAS EM UM CONTEXTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM-TREINAMENTO DO FUTEBOL**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, UFES, Vitória, 2020. Disponível em

<https://repositorio.ufes.br/items/1e22b26c-30cd-4295-a999-1e940fb8d16b> Acesso em 25 de julho de 2024.

SILVA, Bruna Saurin; MARTINS, Mariana Zuaneti. ENSINANDO O ESPORTE A PARTIR DO PONTO DE VISTA FEMINISTA: TENSÕES DA EPISTEMOLOGIA FEMINISTA PARA A PEDAGOGIA DO ESPORTE. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 27, e14100, p. 1-16, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/14089>. Acesso em 15 de abril de 2024.

SILVA, Paula; MOURÃO, Ludmila; GOELLNER, Silvana Vilodre; GOMES, Paula Botelho. ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA E EMPODERAMENTO DE TREINADORAS PORTUGUESAS. **J. Phys. Educ.** v. 31, e3109, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jpe/a/HSsD6X687SttqsHjHXfhmNS/?lang=pt> Acesso em: 20 de julho de 2024.

SIMOES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (org.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004.

SOBRE MULHERES NO FUTEBOL E JOGOS DE FUTEBOL” COM OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA ESTADUAL ABYA YALA. **Revista Diversidade e Educação**, v. 11, n. 2, p. 212-238, 2023. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/16122> Acesso em 22 de julho de 2024.

SOUZA JUNIOR, Osmar Ramos; DARIDO, Suraia Cristina. A PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO NO ENSINO FUNDAMENTAL. **Motriz**. Jan-Abr 2002, Vol.8 n.1, pp.1-9. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n1/Moreira.pdf> Acesso em: 01 de julho de 2024.

THAMIRES entrevista: Ídolo do Corinthians cita maternidade e dificuldades na carreira em carta no Dia da Mulher. **Revista Meu Timão**. Disponível em: <https://bit.ly/3SJhvGb>. Acesso em 20 de junho de 2024.